

PSICANÁLISE

Abrahão H. Brafman

A linguagem dos desenhos

Uma nova descoberta no trabalho psicodinâmico

Blucher

KARNAC

A LINGUAGEM DOS DESENHOS

Uma nova descoberta
no trabalho psicodinâmico

Abrahão H. Brafman

Tradução

Abrahão H. Brafman

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Título original: *The Language of Drawings: A New Finding in Psychodynamic Work*

© 2012 Abrahão H. Brafman

© 2016 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisão gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N.

Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Brafman, Abrahão H.

A linguagem dos desenhos : uma nova
descoberta no trabalho psicodinâmico /
Abrahão H. Brafman [texto original e tradução].
– São Paulo : Blucher, 2016.

152 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1110-5

Título original: *The Language of Drawings: A
New Finding in Psychodynamic Work*

1. Psicanálise 2. Psicologia do desenho 3.
Psicanálise infantil I. Título.

16-1060

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	13
Imagens divididas	29
Dois lados da mesma folha de papel	99
Imagens divididas	121
Escolas de arte	127
Resumindo	141
Referências	145
Índice remissivo	149

Imagens divididas

Berenice

O clínico geral da família nos pediu para ver esta menina de 12 anos, porque sua mãe descobrira que Berenice havia roubado dinheiro de sua bolsa e que também estava matando aulas na escola. A Sra. B estava muito perturbada e chorando quando falou com a secretária da clínica para marcar uma consulta. Ela sentia como se, de repente, houvesse sido aberto um enorme vácuo entre ela e Berenice: ela mencionou fazer perguntas à filha e não ter conseguido mais do que “um olhar vazio”. A Sra. B queria ver o médico o mais cedo possível e ficou aliviada quando a secretária lhe disse que uma hora no dia seguinte havia sido cancelada. A secretária comentou comigo que a Sra. B mostrava um grau de angústia que parecia algo desproporcional à sua descrição do comportamento de Berenice.

A Sra. B veio à entrevista não só com Berenice, mas também com seu marido. Minha impressão de Berenice era de uma menina de doze anos sem qualquer característica que chamasse atenção: bem vestida, de altura média e aparência bem agradável. A Sra. B

estava extremamente tensa e o Sr. B parecia pouco à vontade, como se não entendesse bem o que poderia ser o propósito desse encontro comigo. Ambos haviam nascido e crescido na comunidade onde moravam agora e suas famílias se conheciam há décadas. O Sr. B trabalhava em construção de prédios e sua esposa fazia ocasionais limpezas domésticas. Eles tinham dois filhos mais jovens e ambos frisavam o quão comum e normal havia sido a vida da família – até a crise atual quando Berenice rompera a imagem de segurança do passar dos dias.

Passamos um tempo conversando e tive a impressão de que nenhum deles estava disposto a ir além dos detalhes de Berenice roubar dinheiro e matar aulas. Eu poderia continuar neste ritmo, mas tendo em mente a impressão da secretária, eu disse que gostaria de ver Berenice sozinha – e eles concordaram.

E logo descobri que era muito difícil entabular uma conversa com Berenice. Fiz perguntas sobre a escola, a comunidade onde moravam, vida da família e todas as respostas vinham em monossílabos. Ela gostava de seu irmão de 9 anos e também tinha uma irmã de 4 anos: às vezes eles provocavam brigas com ela, mas eram, essencialmente, irmãos de quem gostava muito. Sua vida no curso primário havia sempre sido muito feliz. Ela começara o curso ginásial há poucos meses e, conquanto não tivesse amigos mais chegados, ela tinha muitos amigos e colegas, inclusive algumas crianças com quem convivera no primário. Ela jamais tivera problemas com professores e, ao que ela imaginava, todos a consideravam uma boa aluna, ainda que não conseguisse alcançar muitas notas altas.

Berenice ficou ainda mais reservada quando eu quis conversar sobre seus pais. Ela gostava muito dos dois e mencionou que “muita gente diz que eu sou a favorita do meu pai”. Ela achava que os pais tratavam as crianças sem fazer distinções especiais entre eles,

e ela não tinha queixas sobre as atitudes dos pais para com amigos ou com ela mesma. Os avós moravam perto, bem como tios, tias e primos. Porque havia tirado o dinheiro da bolsa de sua mãe? Ela não conseguia dar explicação alguma. Isso aconteceu quando a escola havia organizado um passeio e Berenice havia ido com seus colegas ao Jardim Zoológico, mas ela não sabia dizer porque havia tirado o dinheiro. Quanto ao matar aulas, ouvi o mesmo “não sei por quê”. Depois de mais algumas tentativas, sugeri a Berenice que fizesse um desenho, enquanto eu iria à outra sala para conversar com seus pais.

O casal B me deu mais alguns detalhes de suas vidas passadas e aos poucos a conversa ficou tensa e algo sem sentido. Resolvi mencionar minha impressão de que Berenice e seu pai pareciam algo retraídos, não inteiramente à vontade, enquanto que a Sra. B estava obviamente mais ansiosa que os outros dois. Tomando cuidado com minhas palavras e com meu tom de voz, perguntei à Sra. B se seria possível haver algo mais em sua vida que a levasse a ficar tão tensa, desde que me ocorresse a possibilidade de que o comportamento de Berenice pudesse resultar dela estar preocupada com o estado emocional de sua mãe.

O Sr. B ficou rígido e voltou-se para sua esposa. A Sra. B desandou a chorar, mas lágrimas muito diferentes. Lutando com seus soluços, ela me contou que as duas crianças menores haviam tido uma longa série de doenças nos últimos anos, necessitando várias intervenções cirúrgicas. Além desses problemas tão dolorosos, a Sra. B acabara de saber que tinha um tumor em seu seio e, como se isso não bastasse, depois de várias consultas e exames os médicos haviam recomendado que ela também deveria fazer uma histerectomia. Essas investigações ainda estavam continuando e a Sra. B estava apavorada de que poderia ter poucos anos mais de vida. Era muito difícil saber o que dizer. O Sr. B segurou a mão de sua esposa,

tentando reconfortá-la. Eles comentaram que as crianças não sabiam desses problemas.

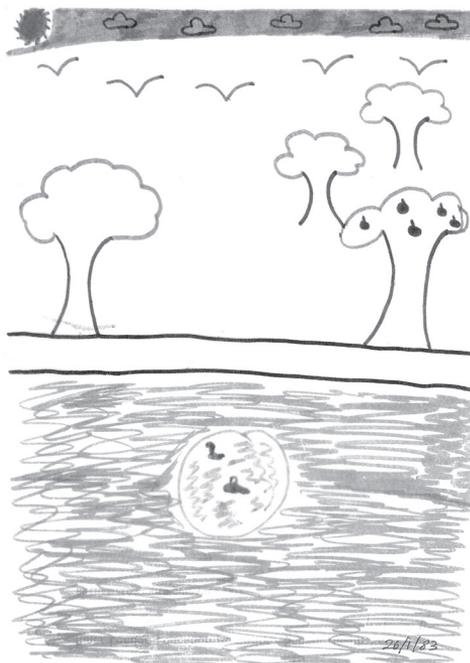


Figura 1. *Berenice – Primeiro desenho.*

Depois de alguns minutos, quando a Sra. B parecia estar mais tranquila, eu sugeri trazermos Berenice para nos ver. Ela havia feito um desenho (Figura 1) mostrando uma paisagem com alguns pássaros e árvores desfolhadas, exceto uma com algumas frutas espalhadas; um céu azul com sol e nuvens estava bem separado da paisagem, e na parte inferior da página Berenice havia desenhado um lago, onde dois patos nadavam num círculo de água, igualmente bem isolados do resto do lago. Ela não sabia explicar que história estaria expressa no desenho. Outro desenho (Figura 2) mostrava os membros da família e ela havia escrito seus nomes acima de cada cabeça.

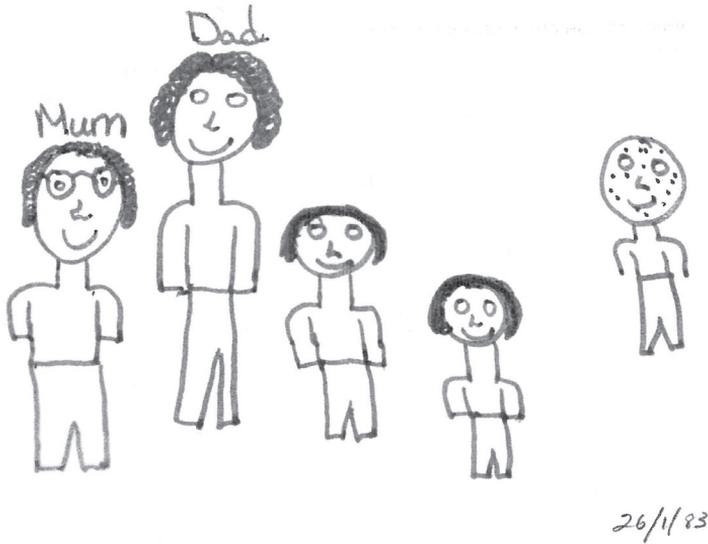


Figura 2. Berenice – Segundo desenho.

Mostrei os desenhos aos pais de Berenice e pedi que me dessem suas impressões. Ambos elogiaram a filha pela qualidade dos desenhos, mas não conseguiam saber o que dizer sobre os temas desenhados. De novo perguntei a Berenice o que diria sobre os desenhos, mas ela apenas sacudiu os ombros, sem nada dizer. Eu disse que minha impressão da primeira imagem era que ela parecia sugerir que só se pode ver o que é visível, ou seja, que talvez Berenice pudesse estar mostrando que seja lá o que for que alguém estivesse pensando sobre o que os patos estavam fazendo, jamais seria possível saber o que se passava abaixo da superfície do lago. Tomando muito cuidado com meu tom de voz, eu disse que a maneira como Berenice havia se desenhado no grupo da família, parecia sugerir que ela não se sentia como real membro da família. E Berenice começou a chorar. Eu resolvi segurar os dois desenhos, colocando cada canto de folha exatamente em cima dos cantos da outra e mostrei a Berenice (Figura 3) como a árvore com frutas

parecia se casar com as marcas que ela havia desenhado em seu rosto, criando a impressão de lágrimas. E a figura de sua mãe estava completamente justaposta com a outra árvore, mas como esta árvore era tão vazia, eu fiquei com a impressão de que ela pudesse estar preocupada de que algo estivesse acontecendo com sua mãe. Sua resposta surpreendeu seus pais: Berenice começou a chorar mais intensamente e disse que ela sabia que sua mãe estava doente, desde que sua tia havia lhe contado isso, mas ela não tinha ideia de qual seria o problema.



Figura 3. Berenice – *Desenhos superpostos*.

Berenice e sua mãe estavam pegando lenços de papel e se aproximando uma da outra. O Sr. B estava perturbado, mas claramente aliviado por ver que, finalmente, mãe e filha haviam se aproximado uma da outra.

Combinamos uma nova entrevista e quando vi a família duas semanas mais tarde, soube que Berenice estava “muito melhor”, assistindo às aulas normalmente e dando muito mais apoio à sua mãe. Eu os vi uma terceira vez e a melhora havia persistido. Aparentemente, os médicos que tratavam a Sra. B haviam decidido adiar a intervenção cirúrgica e ela se sentia mais tranquila sobre sua condição.

Comentário

Considerando os desenhos separadamente, a mensagem de que Berenice se sentia excluída da família está claramente exprimida no segundo desenho. Quanto ao primeiro, a ideia de que apenas o que está na superfície da água pode ser claramente visível, poderia ser deduzida do que seus pais haviam me contado sobre os problemas de saúde de sua mãe. Mas a mensagem crucial de que Berenice estava preocupada sobre a saúde de sua mãe só ficou reconhecível quando as duas imagens foram superpostas – a aparência feliz, sorridente da sua mãe estava agora situada dentro de uma árvore vazia.

Seria possível argumentar que, tendo ouvido dos pais sobre a doença da Sra. B e também de sua convicção de que Berenice não sabia do que estava acontecendo, seria possível deduzir que o comportamento de Berenice era uma reação, uma externalização de suas preocupações e angústias. Entretanto, quando essas ansiedades são identificadas e postas em palavras, como sendo as mensagens contidas nos desenhos de Berenice, essas hipóteses e interpretações se tornam mais convincentes.

Emília

A Sra. E consultou um psicanalista de crianças por estar preocupada com a possibilidade de que sua filha, Emília, pudesse estar mostrando sinais de algum problema emocional grave. Emília estava sofrendo de sonambulismo e sua mãe achava que havia algo anormal nos seus movimentos e resolveu buscar ajuda. O analista recomendou tratamento analítico e, considerando a área onde a família morava, sugeriu que me consultassem, pois a clínica onde eu trabalhava ficava perto de sua residência.

Quando os pais vieram me ver com Emília, disseram que ela havia começado a andar dormindo cerca de 3 meses antes. Ela apresentara esse problema pela primeira vez durante cerca de 2 semanas ao fim do ano escolar, mas isso desapareceu quando a família saiu de férias. Durante o mês antes de virem me ver, Emília de novo voltara a andar como se estivesse dormindo. Ela andava pela casa com seus braços esticados, agarrando qualquer coisa que aparecesse no seu caminho. Uma vez segurando alguma coisa, ninguém conseguia arrancar aquilo de suas mãos. Esses episódios também aconteciam quando a família saía para viajar de carro. Emília adormecia subitamente e permanecia neste estado por longos períodos, sem que os pais conseguissem despertá-la. Às vezes também acontecera que Emília caíra num sono profundo quando sentada com seus pais na sala de visitas. Surpreendentemente, quando ela ia dormir de noite na sua cama, nada semelhante acontecia.

Emília era uma menina de 9 anos de idade, alta, atraente, inteligente e aceitou conversar comigo sem dificuldade. Como outras crianças de classe média superior, ela havia feito exame de admissão para uma das escolas particulares daquela área. Tudo indicava que ela conseguiria um lugar naquela escola de alto nível acadêmico, mas Emília comentou que tinha medo de que não conseguisse

dar conta das exigências da escola. Emília nos contou de sua vida em casa e na escola, mas depois de algum tempo pensei que ela não expressaria sentimentos ou ideias que pudessem magoar seus pais. Assim sendo, resolvi levar Emília para outra sala e deixei seus pais conversando com a assistente social da clínica.

O Sr. e a Sra. E contaram à minha colega a história de sua família e descreveram os primeiros anos de vida de Emília. Eles estavam na casa dos 30 anos de idade. O Sr. E ocupava uma posição de destaque no mundo dos negócios e sua esposa se dedicava a cuidar dos seus filhos. Emília tinha um irmão de 5 anos de idade e uma irmã com 3 anos, ambos descritos como normais e crescendo sem problemas. Emília havia reagido com muitos ciúmes quando seu irmão nasceu, mas a caçulinha foi tratada como se fosse “sua bonequinha querida”. Os pais achavam que Emília jamais havia dado razões para que se preocupassem, sempre se desenvolvendo dentro de parâmetros normais. Considerando o relato dos pais, era difícil imaginar o que poderia explicar os problemas que Emília agora apresentava.

Quando Emília estava na minha sala, parecia bem relaxada e à vontade, mas minhas perguntas não pareciam nos levar a coisa alguma que parecesse importante para explicar seus sintomas. Eu lhe ofereci umas folhas de papel e alguns lápis e sugeri que desenhasse alguma coisa de seu interesse. Ela fez um desenho muito colorido (Figura 4) começando com um cisne numa posição algo angular e de aparência estranha, e aos poucos foi criando uma cena que ela descreveu como acontecendo num sítio que sua família possui fora da Inglaterra. Ela desenhou o sol, a margem do rio e uma cabana no lado direito da folha, explicando que era a reprodução da casinha em que vivem. Ela então desenhou seu pai pescando, uma linha de trem passando nos fundos do terreno e também uma ponte com um portão. O carro da família foi o último detalhe para

completar essa cena supostamente idílica. Emília me contou dos muitos dias felizes que ela tivera com sua família naquela casa de campo – nenhum sinal de conflito ou infelicidade. Ficou claro que nada mais surgiria da análise daquele desenho e decidi sugerir que ela fizesse mais um.

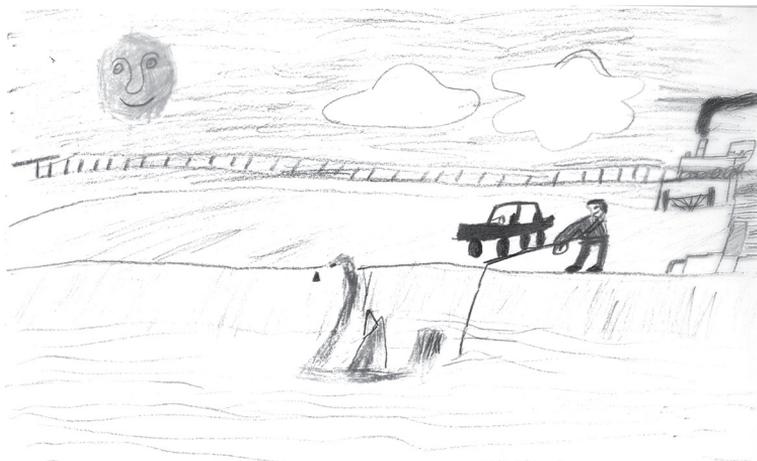


Figura 4. *Emília – Primeiro desenho.*

Emília ficou olhando a folha de papel, pensando o que fazer e com um sorriso maroto me disse que faria um desenho utilizando todas as letras do alfabeto. Ela começou (Figura 5) com um A enorme e tão logo completou o B, que compôs uma imagem de tenda, um tom de excitação surgiu em sua voz, crescendo à medida que anunciava cada letra: o ‘C’ acabou parecendo um ‘D’ quando visto junto com a linha vertical do ‘B’ e eu achei que isso significava que os elementos gráficos podiam mudar seu significado, dependendo de como eram considerados.

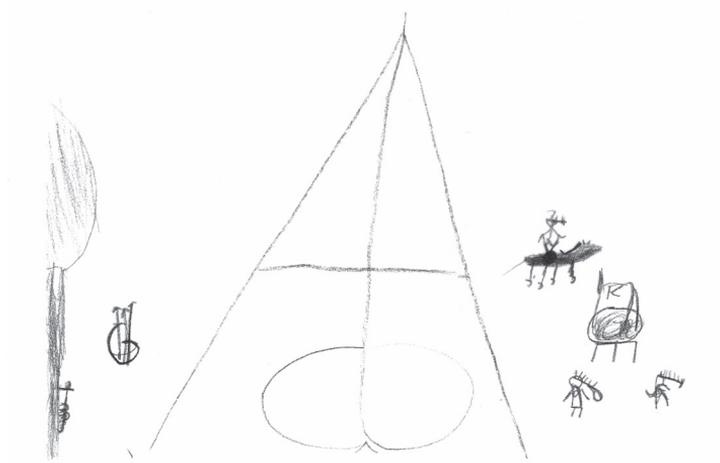


Figura 5. *Emília – Segundo desenho.*

Infelizmente, eu não conseguiria identificar cada letra que se seguiu, mas devia ser importante que o “I” (‘eu’ em inglês) foi ilustrado como sendo a lança usada pelos índios (ilustrados dentro do ‘G’, junto da árvore no lado esquerdo do desenho). Um “cowboy” estava amarrado à árvore e, do outro lado do desenho, três índios estavam junto de um caldeirão em cima de uma fogueira.

Emília explicou que esses índios tinham esposas. Cada uma das três esposas tinha três filhos e estavam todos dentro da tenda. Conforme ela chegava ao fim do alfabeto, sua excitação aumentava. Os índios eram os “bandidos” e seu chefe, montado num cavalo, foi tema de comentários mais detalhados sobre como era agressivo e vingativo. Olhamos juntos os desenhos e discutimos a diferença tão acentuada entre as duas imagens. A violência e a morte iminente do quadro com os índios não pareciam ter qualquer ligação com a paz bucólica do primeiro desenho.

Eu pus os dois desenhos juntos, um em cima do outro (Figura 6), explicando a Emília que faríamos de conta que os dois desenhos eram um só. Frisei que não se tratava de fazer coisas se combinassem, mas sim de garantir que os cantos de cada folha estivessem bem casados com os da outra. Então levantei as duas páginas e as segurei na direção da luz da janela junto de nós.

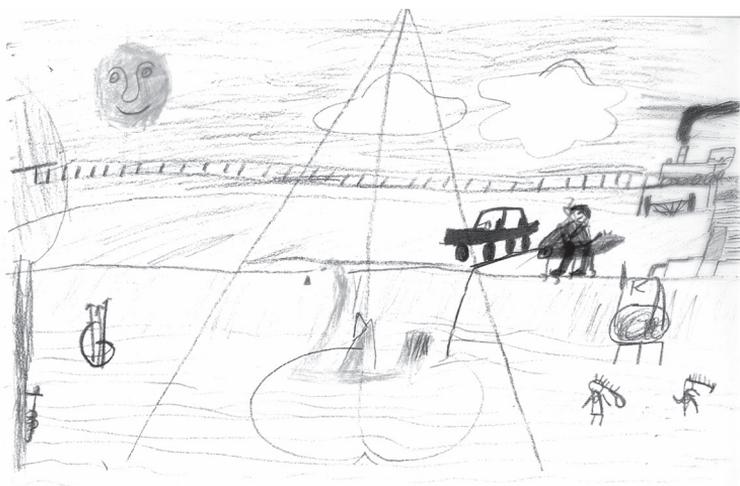


Figura 6. *Emília – Desenhos superpostos.*

Emília comentou que o cisne estava dentro da tenda. Eu chamei sua atenção para a superposição do chefe dos índios e a figura do seu pai: ela ficou muito surpresa e seu rosto mostrava claramente o quanto estava embaraçada. Eu perguntei se seria possível que ela gostasse de pensar no pai como uma pessoa tranquila e generosa, realmente não querendo ter pensamentos negativos sobre ele, como era a imagem do Chefe índio. Ela abaixou a cabeça e, muito baixinho, confirmou que isso era verdade. Depois de uma pausa, Emília me contou as discussões que ocorriam ocasionalmente entre seus pais, e o quanto isso lhe assustava. Ela sentia que, invariavelmente, um dos pais ficava do seu lado e a defendia do outro. Sugeri que nes-

sas ocasiões ela temia que seu pai pudesse ficar tão violento quanto o Chefe dos índios. Ela sorriu, dizendo que isso era verdade e passou a demonstrar a maneira com que o tom e o volume da voz do pai mudavam, fazendo suas palavras soarem muito ameaçadoras.

Voltamos a nos juntar com os pais e a assistente social e eu expliquei que, a meu ver, o sonambulismo da Emília estava ligado a fatores emocionais, mas considerando a intensidade de suas aflições e a maneira tão atípica do sintoma, eu recomendaria uma avaliação pediátrica da situação. O Sr. e a Sra. E ficaram muito satisfeitos com essa ideia e, eventualmente, recebemos um relatório de que nenhum fator físico havia sido encontrado que pudesse estar causando os distúrbios de sono de Emília.

Vi Emília novamente algumas semanas mais tarde. Discutimos como ela ia passando e ela pediu para fazer um desenho (não reproduzido aqui). A figura mostrava como as pessoas podem lidar com situações perigosas de maneiras diferentes e Emília exprimiu sua opinião de que uma das maneiras mais eficientes de se defender de uma situação perigosa era fechar os olhos: e ela sorriu, reconhecendo a ligação com seus problemas de sono perturbado. Ela repetiu suas palavras, dizendo o quanto ficava assustada quando o pai perdia o controle e começava a gritar.

Quando vi os pais de Emília duas semanas mais tarde, eles me contaram que não haviam ocorrido novos episódios de sonambulismo. De fato, eles falavam como se já tivessem se esquecido deste problema. Eles riram quando perceberam que não sabiam dizer quando tal acidente havia acontecido pela última vez. Depois de alguma discussão, a Sra. E desandou a rir e disse que talvez a última vez tivesse sido quando haviam visto o pediatra. Ela deu gargalhadas quando admitiu que realmente não queria atribuir muita importância às entrevistas comigo. O clima emocional da família havia,

obviamente, melhorado dramaticamente. O casal agora resolveu me contar que Emília havia apresentado um novo sintoma: era impossível acordá-la de manhã e ela ficava praticamente adormecida até se sentar à mesa, tomando seu café. Antes que eu pudesse fazer qualquer comentário a respeito, a Sra. E me contou que a verdade era que seu marido sofria exatamente os mesmos problemas toda manhã.

Vi Emília alguma vez mais nos meses seguintes. Não haviam ocorrido novos episódios de sonambulismo e os problemas matinais também haviam desaparecido. Ela obteve uma vaga na escola de altos níveis acadêmicos e se adaptou perfeitamente às novas situações.

Comentário

Focalizando cada desenho separadamente, seria possível deduzir que Emília estava tentando manter sob controle uma visão ambivalente do mundo em que vivia. Só quando os dois desenhos foram superpostos foi que Emília pode reconhecer e admitir sentimentos de angústia resultantes de sua percepção do pai como uma pessoa que podia perder o controle e se portar de maneira assustadora. Supostamente, ela sentiu que a minha reação lhe permitia articular sentimentos e fantasias que ela aprendera a manter em total segredo. Talvez esses não fossem sentimentos completamente inconscientes, mas as semanas que se seguiram à nossa consulta demonstraram claramente que seu “sonambulismo” era a única maneira com que ela conseguira mostrar a si mesma e à sua família que ela estava enfrentando sentimentos que não conseguia dominar. Encontrando uma maneira de expressar suas ansiedades e talvez até reconhecendo ela mesma a

intensidade de seus medos, a ajudaram a abandonar o sintoma/ linguagem do sonambulismo.

Beth

A mãe desta menina de 10 anos procurou ajuda porque não conseguia mais aguentar o grau e frequência de seus desafios e revoltas. Um filho mais velho e duas filhas menores foram descritos como tranquilos e amáveis, conquanto Beth frequentemente provocava as irmãs com brigas e discussões. Em contraste, Beth não apresentava problemas na escola e tinha uma vida social normal e bem ativa com amigos e vizinhos.

Ficamos sabendo que a Sra. B havia se divorciado de seu marido pouco depois do nascimento da última filha. Eles continuaram a manter uma relação amistosa e a Sra. B parecia até gostar da nova esposa de seu ex-marido. Mas das quatro crianças, Beth era a única que sentia saudades dos dias em que tinha a companhia de seu pai. A Sra. B descreveu uma ocasião recente em que ela ficara tão zangada com Beth que havia pedido ao Sr. B que a levasse para sua casa por alguns dias. Aparentemente, Beth adorou isso e seu comportamento em casa melhorou – por alguns dias.

Quando vi Beth, achei bem difícil estabelecer um diálogo com ela. Fiquei sabendo que sua mãe havia lhe dito que a razão por que vinham me ver era para discutir comigo qual seria a melhor escola para fazer seu curso ginásial. Acontece que Beth estava satisfeita com a escola que já havia escolhido e tinha certeza de que conseguiria uma vaga. Gradualmente, conseguimos ampliar o campo de nossa conversa e Beth me disse que tanto ela como seus irmãos estavam bem felizes com a separação de seus pais, uma vez que haviam permanecido bons amigos, enquanto que, quando viviam juntos, brigavam violentamente o tempo todo.

Perguntei à Beth se ela concordaria em fazer um desenho. Como em consultas semelhantes, eu havia preparado um bloco de desenhos e alguns lápis e canetas. Beth hesitou por alguns momentos e então desenhou dois rostos (Figura 7).



Figura 7. Beth – Primeiro desenho.

Eu lhe perguntei porque o rosto maior não tinha olhos, mas ela apenas sacudiu os ombros, murmurando “não sei...” Considerando as expressões dos dois rostos, perguntei como ela as descreveria e ela escreveu “jovem, feliz” e fez uns rabiscos no começo de uma terceira palavra que ela não conseguiu me dizer qual seria. Depois, acrescentou “velho, feliz” junto do rosto menor. De novo encontramos a mesma dificuldade em estabelecer um diálogo e sugeri que ela fizesse um outro desenho. Ela folheou as páginas do bloco e eventualmente desenhou uma menina (Figura 8) a quem descreveu como “menina, alegre”, mas novamente sem outros comentários.



Figura 8. Beth – Segundo desenho.

Decidi tentar e ver o que aconteceria se as duas páginas fossem superpostas (Figura 9) e vi que a cabeça da menina se casava perfeitamente nos olhos do “jovem”. Eu expliquei minha “manobra” como sendo uma maneira de fazer de conta de que os desenhos fossem, de verdade, um só. E perguntei a Beth o que ela achava da imagem resultante. Ela ficou pensativa e enquanto eu buscava que palavras usar para descrever a posição da cabeça da menina nos olhos do jovem, Beth disse “ela é a menina dos seus olhos”. Depois de uma pausa, eu perguntei se era assim que ela acreditava que seu pai a via – “é, é o que eu acho”.



Figura 9. Beth – Desenhos superpostos.

Eu vi Beth em outra entrevista e, desta vez, ela falou um pouco mais livremente de seus sentimentos sobre seus pais. Sentia-se feliz de que houvessem permanecido amigos e lamentava que tivessem tantas brigas quando viviam juntos. Ela me falou um pouco de seus sentimentos sobre seus irmãos, mas o ponto principal que ela queria exprimir era sua convicção de que não precisava de ajuda. Ela tinha certeza de que obteria uma vaga na escola que queria e se sentia perfeitamente feliz vivendo em seu círculo de amigos e colegas. Por sua parte, a Sra. B marcou consultas particulares com um psicoterapeuta e só entrou em contato conosco alguns meses mais tarde, para nos informar que Beth parecia uma menina mais

feliz e que as duas raramente tinham as confrontações que as haviam levado a nos consultar.

Comentário

Examinando os desenhos de Beth seria possível argumentar que a justaposição dos olhos do homem e a cabeça da menina era apenas uma coincidência, mas assim mesmo isso permitiu a ela reconhecer e concordar com a óbvia interpretação resultante dessa superposição. O desejo de Beth de ser a filha favorita de seu pai era bem consciente, mas ela certamente havia evitado que este desejo fosse uma comunicação explícita.

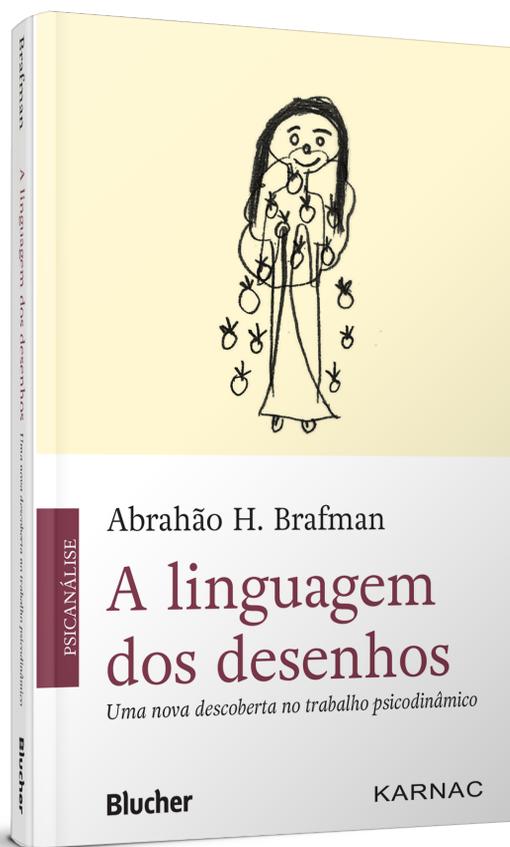
Daniel

Daniel estava com 7 anos e meio de idade quando sua mãe o trouxe para me consultar. Ele era encoprético desde os 3 anos de idade e sua mãe me contou que inúmeras receitas e técnicas recomendadas por múltiplos profissionais jamais haviam produzido qualquer resultado. Daniel tinha um irmão com 3 ½ anos de idade. Daniel havia frequentado um jardim de infância em sua vizinhança e agora ia a uma pequena escola primária, cujos professores sempre o elogiavam, entusiasmados com sua inteligência. Sua relação com professores e colegas era excelente. A Sra. D havia tentado estabelecer alguma relação entre o sujar-se e outros fatores na vida de Daniel, mas de fato não acreditava que existissem tais conexões. Do ponto de vista cronológico, o sujar-se havia começado por volta da época em que seus pais se separaram, mas a Sra. D dizia que isso não passava de uma coincidência. Curiosamente, Daniel só se sujava quando estava em casa e geralmente quando voltava da escola, mas só com muita relutância é que a Sra. D aceitava a possível correlação entre o sintoma e sua presença,

insistindo que o sujar-se também poderia ocorrer se Daniel estivesse longe dela por algum período longo, algo que jamais acontecera.

A Sra. D trouxe Daniel e seu irmão à consulta. O pequenino conseguiu se entreter com alguns brinquedos e permaneceu virtualmente silencioso durante toda a entrevista, sendo ignorado tanto por Daniel quanto pela Sra. D. Daniel se dirigiu para uma mesinha onde encontrou uma casa de bonecas, brinquedos, papel e canetas. Ele respondia às minhas perguntas facilmente e num tom de voz amistoso, mas sem mostrar qualquer interesse em estabelecer uma conversa. De sua parte, a Sra. D era praticamente impossível reduzir o fluxo e a velocidade de seus relatos! Imaginei que Daniel sabia que sua mãe gostava de dominar as conversas e, conseqüentemente, procurava ficar quieto.

Daniel tentou brincar com alguns brinquedos, mas preferiu desenhar. Eu reparei sua preferência por cores escuras e curiosamente ele parecia estar fazendo comentários sobre seus desenhos mas, em vez de lhe perguntar o que estava fazendo, decidi perguntar à Sra. D sobre a história da família. Ela era uma mulher muito atraente. Nascera num país do continente europeu e sua fala era intensa e emocionalmente rica, usando rosto e corpo para enfatizar as nuances e implicações de cada história que me contava. Ela respondia às minhas perguntas, mas várias vezes senti que ela como que encaixava minhas perguntas num roteiro de sua escolha; outras vezes eu tinha a impressão que ela passava de um a outro tema seguindo alguma direção associativa que ela talvez não conseguisse explicar, se eu lhe perguntasse. Apesar de nos encontrarmos no início da manhã, a Sra. D estava cuidadosamente maquilada. Evidentemente ela tinha seu estilo típico de conversar e se relacionar com outras pessoas. A aparência das crianças sugeria o quanto ela lhes ensinava como cuidar de suas roupas e como se comportar na presença de estranhos. E, apesar disso tudo, Daniel sofria de encoprese e seu irmão ainda molhava a cama todas as



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A linguagem dos desenhos

Abrahão H. Brafman

ISBN: 9788521211105

Páginas: 151

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2016

Peso: 0.201
